

Tópicos para o **Ensino de Biblioteconomia**

Volume II

Organizadores:

José Fernando Modesto da Silva
Francisco Carlos Paletta

DOI 10.11606/9788572051996

São Paulo
2019

ECA – USP



INTRODUÇÃO À ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

Giovana Deliberali Maimone

Introdução

A disciplina intitulada “Introdução à Análise Documentária” é ministrada no curso de Informação e Cultura (CBD) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e contempla de modo específico dois campos do conhecimento distintos, porém complementares, que são: Estudos da Linguagem e Processos de Representação Documentária. Ambos interconectam-se integrando conteúdos fundamentais para o contato inicial do aluno com uma das linhas de pesquisa da Ciência da Informação (ou Biblioteconomia/Documentação) denominada “Organização do Conhecimento”.

Sobre os Estudos da Linguagem abordam-se textos de autores reconhecidamente relevantes no cenário nacional que fundamentam e discutem teoricamente questões sobre modalidades textuais, tipologias discursivas, técnicas de persuasão e processos de leitura. A leitura documentária é apresentada após os processos de leitura para promover análises e discussões sobre esta atividade que está inserida na rotina do profissional da informação.

Na linha de Representação Documentária indicam-se textos e normas referentes à elaboração da informação documentária, principalmente no que diz respeito a elaboração dos resumos documentários. Apresentam-se os processos de análise, síntese e representação que permeiam integralmente atividades referentes à construção de resumos e índices.

Ferramentas que intentam representar o conteúdo temático dos documentos como são os vocabulários controlados, tesauros, listas de classificação, entre outros, também tangenciam momentos específicos

da disciplina, mas são temas explorados com menos profundidade, já que estudados detalhadamente em disciplinas como Linguagens Documentárias I e II. Recomenda-se a leitura complementar de materiais que introduzem a ideia de linguagens construídas artificialmente, que portam o objetivo de controlar, representar e recuperar tematicamente os objetos de informação do acervo; nesta perspectiva, trabalha-se com um texto referente à área de terminologia e matérias de especialidade a fim de que o aluno compreenda a necessidade de efetuar pontes linguísticas entre o usuário e o material a ser tratado.

Estudos da Linguagem

As obras – mesmo as maiores, ou, sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam. Certamente, os criadores, os poderes ou os experts sempre querem fixar um sentido e enunciar a interpretação correta que deve impor limites à leitura (ou ao olhar). Todavia, a recepção também inventa, desloca, distorce. (CHARTIER, 1999, p. 9)¹

Segundo Elisa Guimarães (1990) os textos podem ser de diversas tipologias (descritivo, narrativo, dissertativo, expositivo, instrutivo, etc.) não excludentes, complementares, combinando-se de muitas formas. O tema é o núcleo informativo fundamental ou elemento em torno do qual se estrutura a mensagem, que geralmente envolve ideias centrais e periféricas, ambas de essencial importância para o trabalho do profissional da informação, já que identificam níveis informacionais distintos.

1. Com esta citação tem início as aulas sobre Estudos da Linguagem, enfatizando que, apesar de elucidativa e em muitos casos objetiva, a linguagem está sempre submetida à interpretação de seu leitor, já que o processo de leitura é, por si, interpretativo.

De modo geral os textos podem ser ficcionais e não ficcionais, sendo que o foco da disciplina recai sobre estes últimos os quais Guimarães (1990) subdivide em: texto científico - cujo objetivo é fundamentar um princípio ou ciência, texto didático - vinculado ao processo de ensinar, texto jornalístico - relativo à notícia, texto jurídico - em que a missão é esclarecer leis, texto filosófico - tecido pelas ideias em torno da essência das “coisas” do mundo (próprio processo de pensamento), texto político - muito atrelado ao poder de persuasão, texto crítico - no qual se encontram juízos de valor, e texto literário - em que se tem a valorização da palavra pela palavra (GUIMARÃES, 1990).

Cada um deles serve a uma função específica e são escritos para públicos determinados, embora possam sobrepor-se em alguns momentos.

Para um texto ter significado são necessários dois tipos de relações: lógicas (raciocínio / dedução / sequência), que condicionam o processo de expansão do texto, e de redundância (repetição / largada e retomada / fixação), que garantem a fixação do tema, através de repetições ao longo do mesmo. É importante ressaltar que os mecanismos de repetição favorecem o desenvolvimento temático, permitem um jogo regrado de retomadas a partir do qual se fixa um fio textual condutor.

Encadeamento, concatenação, práticas intertextuais (que inscrevem o texto novo num campo intelectual já conhecido do leitor), coordenação e hierarquia são alguns dos elementos temáticos apresentados por Guimarães (1990) que são estudados por esta disciplina através da proposição de exercícios e da reflexão coletiva com a participação dos alunos.

Os elementos estruturais de um texto são aqueles que determinam, mais especificamente, seu modo de organização, ou seja, cada tipo de texto deve ter um modo especial de organizar-se em termos de categorias de informação. A título de exemplo, o texto narrativo possui a seguinte organização: exposição (equilíbrio), complicação (desequilíbrio) e resolução (equilíbrio). Já o dissertativo deve conter: exórdio (introdução), narração (relato de fatos), confirmação (exposição dos argumentos) e peroração (conclusão) (GUIMARÃES, 1990).

As questões de significação e estrutura que envolvem o texto são tão importantes quanto entender como os discursos trabalham em prol de um

objetivo específico. Dentre outros, o professor Adilson Citelli (2005) apresenta os seguintes tipos de discursos²: lúdico, polêmico e autoritário. O lúdico pode ser considerado como a forma mais democrática de discurso, já que há menos necessidade/desejo de convencer. Exemplos seriam boa parte da produção artística, como a música e a literatura. O discurso polêmico possui um aumento do grau de persuasão em relação ao lúdico pois possui certo grau de instigação, visto apresentar argumentos que podem ser contestados. Como exemplos teríamos: discussão entre amigos, defesa de tese, aulas, etc. Já o discurso autoritário é, por excelência, persuasivo, onde há total dominação pela palavra. É um discurso exclusivista, que não permite mediações ou ponderações.

Todos os discursos acima enunciados devem apresentar, de modo geral, segundo Citelli (2005, p. 41), a seguinte estrutura:

1. Distância: o falante é exclusivo. A voz do enunciador é mais forte do que os próprios elementos enunciados.
2. Modalização: uso imperativo e caráter parafrástico (argumentos).
3. Tensão: o emissor domina a fala do receptor.
4. Transparência: o enunciado deve ser mais facilmente compreensível pelo receptor. Grau de polissemia diminuído.

Neste sentido, em maior ou menor grau de persuasão, os discursos devem ser observados de acordo com os objetivos do autor, do acervo e do usuário podem variar. Exemplos em textos publicitários, religiosos, de livros didáticos entre outros são abordados com fins de ilustração.

Adentrando-se mais especificamente aos processos de leitura e leitura documentária apresentam-se textos que refinam conhecimentos em relação aos conceitos de leitura, contextos, intencionalidades e leitura em análise documentária.

O processo comunicativo, no qual se insere a leitura pode ocorrer a partir de “Sujeitos Culturais” que são considerados como aqueles que, de

2. O autor trabalha tais discursos explorando a área organizacional, aos quais intitula de “modos organizacionais” do discurso.

acordo com sua experiência de mundo, e sua conseqüente configuração como sujeito social, é capaz de interpretar o texto (CORTINA, 2000). Ainda segundo o mesmo autor o contexto de um texto, ou seja, o sentido que as palavras adquirem modificam-se conforme: sua superfície verbal - “o que está escrito” (Contexto Interior) e, o que não está explícito no texto mas que pode estar subentendido ou necessita de buscas de informações em outros textos (Contexto Exterior).

Eco (1992) citado por Cortina (2000, p. 35-52) observa que é possível entender o processo de leitura como uma procura da intenção do autor, da intenção da obra ou da intenção do leitor.

- Intenção do autor - ler torna-se um exercício de investigação empírica por meio do qual o leitor se submete à autoridade máxima do autor.
- Intenção da obra = ler um texto significa buscar a intenção da obra, pouco importando se o autor quis dizer isso ou aquilo em seu texto.
- Intenção do leitor = textos que preveem várias possibilidades de leitura, isto é, já são produzidos em forma que propiciam “n” formas de combinação (CORTINA, 2000).

Durante o processo de leitura deve-se levar em conta o lugar em que o leitor se coloca, suas condições físicas e psicológicas. Dessa maneira, diferentes formas de interpretação podem coexistir em relação a um mesmo texto. E provavelmente, a leitura de um mesmo material em tempos distintos promoverá diferentes interpretações devido às transformações próprias da vida humana.

Pode-se afirmar neste ponto que existe um modo de “dinamizar” o conhecimento humano através do estabelecimento da relação entre a “enciclopédia particular do leitor”³ e o contexto do texto (CORTINA, 2000).

3. A enciclopédia registra os hábitos e costumes dos sujeitos de determinado grupo social por meio de “roteiros” (CORTINA, 2000). Seguindo o mesmo modelo, os homens também poderiam registrar seus conhecimentos.

No caso do profissional da informação quando das atividades de representação e referenciação do acervo, este deve alcançar seu quadro de referência (sua enciclopédia particular) armazenado em sua memória, para realização das tarefas (CINTRA, 1987).

Aproveitando a discussão apresentada sobre tais aspectos da leitura, indica-se um texto referente a um debate entre Roger Chartier e Pierre Bourdier “*A Leitura: uma prática cultural*” sobre o qual lançam-se questionamentos quanto aos conceitos de leitura e consumo cultural, situações de leitura (coletiva, individual – processo histórico), aprendizagem de leitura *versus* capacidade de leitura hábil, objetivos dos textos, e adjetivação da leitura como: leitura boa ou má. Esses tópicos são debatidos tendo em vista a reflexão na área da Ciência da Informação a fim de que os alunos realizem reflexões sobre esses tópicos e saibam como proceder frente ao acervo e aos questionamentos dos usuários, sempre frequentes.

Para representação do material textual em unidades de informação propõe-se que seja realizada o que se nomeia de Leitura Técnica:

Estudo metódico do conteúdo de um documento que realiza o classificador para determinar os assuntos tratados e, mediante uma operação analítico-sintética, estabelecer os símbolos que representarão esse item no acervo. A leitura técnica compreende a análise do corpo central da obra, complementada por outras fontes de informação que integram a obra sob estudo, como o título e seu grau de representatividade, o sumário e o índice de assuntos, as orelhas e as contracapas, o prefácio, a catalogação e a classificação na fonte (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 222).

Para a leitura e análise de documentos, Cintra (1987) considera indispensável o entendimento de entidades linguísticas estocadas que englobam: o nível das **palavras**, ou seja, os blocos significativos e, os **esquemas formais de organização textual** que agregam entre outros o assunto central, os periféricos, os objetivos do documento, sua metodologia, técnicas, etc. Alguns autores chamam tal organização de superestrutura textual.

Finalizando a parte de estudos da linguagem com leitura documentária toma-se “por empréstimo” dois dos textos da professora Mariângela Fujita, que trabalha questões de leitura em indexação e análise documentária. Retomando a epígrafe que inicia este bloco teórico volta-se à individualidade do leitor e sua capacidade de interpretação já que conforme afirma Fujita (2004) o leitor é o centro do processo de compreensão. Pensando o bibliotecário como leitor para indexação destaca-se que esta leitura é objetiva, direcionada aos objetivos da instituição, dos usuários, do sistema, entre outros, e, por este motivo diferente da comum. Em análise documentária a leitura perpassa todo o processo de representação da informação de modo que é fundamental para atribuição de termos de indexação e elaboração de resumos documentários, sendo que é parte do processo cognitivo que ocorre simultaneamente às atividades. Neste sentido, Fujita (2004, p. 2) expõe o objetivo da capacitação do profissional da informação em leitura, no caso, documentária:

A leitura em análise documentária, entendida como uma atividade de cunho profissional, caracteriza o indexador como leitor profissional que realiza a leitura documentária. Dessa forma, o objetivo principal da formação do indexador, do resumidor e do classificador seria formá-lo ou capacitá-lo para uma leitura com objetivos profissionais.

Neste sentido, é essencial que o profissional possua conhecimentos sobre a estrutura textual, estratégias de leitura, contexto do acervo, dos usuários e da instituição para elaborar representações fidedignas e funcionais ao público.

Segundo Molina (1991, p. 20) as estratégias de leitura subdividem-se em cognitivas e metacognitivas, sendo que na primeira o resumidor “busca as informações principais, procedendo a uma espécie de descarte do que é secundário”, e na segunda há um “comportamento desautomatizado e uma aproximação consciente do texto”. É necessário portanto, que ambas as estratégias sejam realizadas de modo equilibrado.

Processos de Representação Documentária

O documento é um verdadeiro edifício intelectual, uma síntese de ideias, e não unicamente uma coleção ordenada de informação (OTLET, 1934)⁴

Este segundo bloco teórico é iniciado apresentando em primeiro momento a Equação Fundamental da Ciência da Informação, visionada por Brookes (1980/1981) que expõe de modo claro como funcionaria a recepção de uma nova informação pelo indivíduo e como tal efeito modificaria o estado de consciência do mesmo, que antes possuía o que o autor chama de “Estado Anômalo do Conhecimento”. Vejamos:

$$\begin{array}{c} \mathbf{K(S) + \Delta K = K(S+\Delta S)} \\ \uparrow \\ \mathbf{\Delta I} \end{array}$$

Onde:

K(S) = estado atual do conhecimento (Estado Anômalo do Conhecimento);

ΔI = nova informação

ΔK = novo conhecimento

K(S+ΔS) = novo estado de consciência (conhecimento)

A partir deste processo é possível concluir que tal equação seria responsável por todo conhecimento gerado no mundo, por meio da internalização e posterior externalização (publicação) de conceitos e práticas, propiciando o desenvolvimento científico e tecnológico através da comunicação e acesso à informação.

4. OTLET, P. *Traité de documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique*. Bruxelles: Editions Mundaneum, 1934. Com esta citação de Paul Otlet iniciam-se os estudos sobre a elaboração de representações documentárias frisando que o conhecimento registrado é fruto de trabalho intelectual e não de enumeração de frases (este conceito também deve ser empregado para o trabalho do bibliotecário resumidor e indexador).

O gestor da informação (bibliotecário/documentalista) trabalha de forma direta com os produtos intelectuais resultantes desse processo que seriam os documentos registrados, objetivando que o cliente final (usuário) possa selecionar, na massa de informações veiculadas, elementos de conhecimento, possibilitar a comunicação entre pessoas e documentos, fornecer informações úteis no momento que são solicitadas, e assegurar acesso aos documentos ao maior número de pessoas.

De forma específica labora-se com o processo de “transformação”⁵ do texto original para uma representação, tratando o documento a partir do que se considera mais relevante, respeitando os objetivos de cada instituição. Tem-se, deste modo, o que chamamos de informação documentária que pode ser conceituada, de modo amplo, como: unidades de representação, construídas sob uma forma (física) e um conteúdo (temático)⁶, originando fichas catalográficas e referências no primeiro caso e resumos e índices no segundo. De acordo com Kobashi (1996, p. 9) “A Análise Documentária, em sua dimensão operatória, manipula e transforma textos em dois tipos básicos de representações: o resumo e o índice”. Portanto, o objetivo das operações documentárias é condensar os registros do conhecimento para promover sua circulação (KOBASHI, 1996; LARA, 2002).

Para analisar documentos recorre-se muito frequentemente à linguística e à terminologia, duas áreas que mostram intersecções inquestionáveis em relação aos produtos da documentação já que tanto o resumo quanto o índice necessitam de serem elaborados levando-se em consideração tanto questões sintáticas e semânticas da língua quanto a composição dos termos/conceitos verificados na linguagem. A terminologia é útil

5. Tal transformação pode ser caracterizada como uma atividade de criação ou elaboração de informação, já que produz uma nova representação (pistas para acesso ao documento).

6. Para esta disciplina trabalha-se “apenas” com a parte da representação temática.

também para imprimir rigor (normas terminológicas) às práticas empíricas de construção de vocabulários controlados⁷.

A fim de elucidar algumas das contribuições que a área da Terminologia pode oferecer a Ciência da Informação introduz-se um texto breve porém bastante relevante que tangencia teórica e praticamente a organização da informação. Trata-se de um prólogo a um dos livros de Maria Teresa Cabré intitulado “*La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*”, escrito por Juan Carlos Sager. Segundo o autor a terminologia constitui para os especialistas vocabulário essencial para a comunicação eficaz pois os conceitos são elaborados através da linguagem natural para definir termos do discurso especializado (SAGER, 1993).

Através da língua materna ou primeira língua (no caso, Português) aprende-se uma linguagem especializada ou segunda língua, como são os casos dos idiomas e também de campos específicos de estudo como Biologia, Química, Medicina, Biblioteconomia, ou seja, os termos que são utilizados por essas disciplinas e que tem um significado determinado. Para o profissional da informação, a apreensão destas linguagens de especialidade é fundamental já que trabalha com contextos específicos do conhecimento e necessita “traduzi-las” para uma linguagem construída (dita documentária). Neste sentido, evidencia-se que documentalistas assim como tradutores de línguas, intérpretes e terminólogos efetuam pontes entre a linguagem e as matérias de especialidade, entre o conteúdo e o instrumento. Sob esta ótica, de acordo com Sager

Conocer una materia equivale a tener un dominio de parte de los lenguajes de esa materia; dominar los lenguajes de una materia equivale a tener cierta comprensión de la materia (SAGER, 1993, p. 15).

7. Para melhor entendimento sobre a temática “Terminologia” indica-se a leitura de: TÁLAMO, M. de F. G. M.; LARA, M. L. G. de. Linguística documentária e terminologia: experiência didática na interface das disciplinas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília, SP. *Anais...* Marília, SP: ENANCIB, 2006. p. 306 – 317.

Quando se trabalha com linguagens documentárias para indexação, a terminologia se mostra uma área importante a se explorar visto que a elaboração dos conceitos / termos devem seguir uma estruturação e normas rígidas, fundamental para atribuição de termos aos documentos.

Alguns autores da organização do conhecimento seccionam a análise documentária em fases. Neste caso, análise, síntese e representação são as mais conhecidas, porém existem outras operações, algumas intelectuais e outras práticas, que estão presentes nessas etapas simultaneamente. Durante as aulas opta-se por descrever como o processo ocorre para que o aluno, sabendo da existência das divisões, possa montar seu esquema próprio de estudo e atuação profissional próxima.

Para indexar um documento é necessário, em primeiro momento, sua identificação total: o que é este material (livro, artigo, jornal, poesia)? como está escrito (tipologia textual - argumentativo, dissertativo, narrativo, imperativo etc.)? a quem se dirige (adolescentes, crianças, adultos, todos)? qual o objetivo do texto (persuadir, informar, promover diversão)?

A partir destas questões e provavelmente de outras que se fizerem necessárias e cabíveis, parte-se para a análise do texto iniciando pela leitura atenta de suas partes mais importantes (leitura técnica); neste momento o bibliotecário ativa seus conhecimentos acumulados sobre o assunto, trabalhando com a perspectiva de identificar o tema central e periférico, além de, simultaneamente, analisar sua superestrutura textual. Organizando e anotando as ideias principais em um rascunho segue-se para a organização dos conceitos, de preferência em ordem hierárquica de relevância. Ainda em relação ao texto de partida é essencial verificar sua organização em estruturas, aspectos de coesão e coerência e o grau de novidade que apresenta.

Reunindo todas as informações importantes é possível encaminhar-se para a elaboração do resumo documentário, lembrando porém, que toda condensação de conteúdos requer, inevitavelmente, generalização e perda de informação semântica; fato potencializado na atividade de indexação. Molina (1991, p. 24) citando Van Dijk (1980)⁸ encara esta perda como uma forma de redução da informação dos documentos que podem ser sistematizadas em

8. DIJK, T. Van. *Texto y contexto*. Madrid: Cátedra, 1980.

duas categorias de macrorregras de análise sendo que da *Anulação* participam omissão e seleção, e da *Substituição* generalização e integração.

Na omissão toda informação de pouca importância e não essencial pode ser omitida, já na seleção excluem-se as proposições que são condições, proposições ou consequências da proposição não omitida. Para a generalização várias proposições são substituídas por uma só proposição que represente todas elas, sendo que a integração substitui uma série proposicional por uma nova proposição que pressupõe todas da série (MOLINA, 1991). Neste momento exercícios de elaboração de resumos documentários são propostos a fim de exercitar tais técnicas de “redução” da informação.

A representação do documento como fase final engloba a atribuição de palavras-chave que irão se transformar em descritores no processo de indexação e que deverão expressar os conceitos em termos da linguagem documentária (tesauros, vocabulários controlados, etc.) utilizada na instituição.

Segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 227) linguagem documentária é:

1. Conjunto de termos, símbolos e regras preestabelecidos para indicação/registro de assuntos constantes de documentos.
2. Conjunto organizado de termos normalizados, empregados para representar o conteúdo dos documentos com a finalidade de memorizá-los para pesquisas posteriores.
3. Sistema de signos que permite a representação do conteúdo de documentos, com a finalidade de revocar os documentos pertinentes, em resposta a questões relativas a seu conteúdo.

Como linguagem construída artificialmente por meio do estabelecimento de termos preferidos, a linguagem documentária⁹ pode auxiliar na indexação padronizada dos documentos evitando polissemias,

9. Para complementar os estudos em relação à melhor conceituação sobre o termo linguagens documentárias recomenda-se os seguintes textos: CINTRA, A. M. M. *et al.* Linguagens documentárias e terminologia. *Cadernos de terminologia*, São Paulo, n. 1, p. 17-22, 1996. CINTRA, A. M. M. *et al.* *Para entender as linguagens documentárias*. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002. 91 p. LARA, M. L. G. de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 91-96, maio/ago. 2004.

ambiguidades e outras características que são próprias da linguagem natural. Para efeito didático pode-se dividir as linguagens documentárias em dois tipos, as linguagens classificatórias (utilizadas para localização do material nas estantes) e as linguagens de indexação (que orientam tal atividade), estando esta última mais ligada aos interesses do bibliotecário indexador. A adequada indexação dos termos nos sistemas informacionais proporcionará resultados de busca mais acertados no momento da recuperação dos documentos pelos usuários.

As atividades de indexação e elaboração de resumos documentários podem se complementar visto que as linguagens documentárias podem auxiliar tanto na indexação como no uso de terminologia correta para redação do resumo; de outro modo, os resumos são fontes de informações essenciais para “extração” das palavras-chave.

Segundo Guinchat e Menou (1994) a leitura do resumo deve permitir conhecer o documento com precisão e determinar a leitura ou não do original. Diferenciam-se por: tamanho, nível de detalhe, presença ou ausência de elementos de crítica, linguagem e interesses dos usuários. Pela ótica destes autores os resumos podem ser dos seguintes tipos: indicativo (mais condensado), informativo (mais extenso), crítico (assinado), extrato (que englobam citações do texto), review (analisa um conjunto de documentos que tratam do mesmo assunto), resumo de autor e resumo de analista (especialista na área do documento).¹⁰

Com o intuito de complementar as tipologias de resumos acima apresentadas, indica-se o texto de Lancaster (2004) que trata de forma prática a elaboração dos resumos documentários e faz algumas considerações relevantes sobre a recuperação e avaliação da informação em bases de dados.

Segundo Lancaster (2004) os resumos devem facilitar a seleção de informação, poupar o tempo do leitor, facilitar a identificação de itens pertinentes e proporcionar acesso aos itens armazenados. Assim, além de conceituar os resumos (indicativo, informativo, orientados para uma disciplina, orientados para uma missão e críticos) o autor aponta o resumo estruturado e o mini resumo como outras formas de síntese; no resumo

10. Ao final deste texto incluem-se alguns exemplos a título de ilustração.

estruturado, categorias informacionais são previamente selecionadas e nomeadas para o preenchimento com informações, e no mini resumo os termos são retirados de um vocabulário controlado e reunidos numa sequência específica. Exemplo de mini resumo:

Texto: “Existe um decréscimo da quantidade de zinco no sangue de seres humanos com cirrose do fígado”.

Mini resumo: /DECR/ZINCO/SANGUE/HUMANOS/CIRROSE/FÍGADO

Tendo em vista os produtos documentários para a recuperação informacional Lancaster (2004) alerta que tanto a indexação como a redação de resumos não são atividades que devem ser consideradas como fins em si mesmas e que os resultados dessas atividades devem ser avaliados em bases de dados a partir de *feedbacks* dos usuários. Neste sentido, avaliar bases de dados significa levar em consideração quatro critérios básicos e fundamentais:

1. Cobertura. Quantos documentos sobre o assunto, publicados durante determinado período, se acham incluídos nas bases de dados?
2. Recuperabilidade. Quantos documentos sobre o assunto, incluídos na base de dados, são encontrados com o emprego da estratégia de busca?
3. Previsibilidade. Ao utilizar informações da base de dados, com que eficiência o usuário pode aferir (verificar/avaliar) quais os itens que serão e os que não serão úteis?
4. Atualidade. Os itens publicados recentemente são recuperáveis, ou atrasos na indexação/redação de resumos provocam uma situação em que os itens recuperados mostram resultados de pesquisas “antigos” ou invés de “novos”? (LANCASTER, 2004).

As respostas advindas da avaliação podem pautar trabalhos futuros em relação ao aperfeiçoamento dos serviços realizados em indexação e resumos (alimentados em bases de dados), tendo como meta a satisfação das necessidades dos usuários dos centros de informações. Benfeitorias podem ser realizadas desde a reelaboração dos campos informacionais das

bases de dados (que incluem resumos e termos de indexação) até a interface disponibilizada para o usuário.

Para a elaboração dos resumos é importante lembrar que, além das questões teóricas já abordadas neste texto, os mesmos devem seguir normas nacionais e internacionais (dependendo da orientação da instituição na qual se trabalha) exploradas na disciplina como: Norma Brasileira ABNT NBR 6028 – Informação e documentação – Resumo – Apresentação (Nov. 2003); Norma Espanhola UNE 50-103-90 – Documentación: preparación de resúmenes – Nov. 1990; Norma Norte-Americana ANSI/NISO Z39.14-1997 (Guidelines for Abstracts) – 1997 (diretrizes para resumos); e, Norma Cubana ISO 5963:2000 – Métodos para el analisis de documentos, determinación de su contenido y seleccion de los terminos de indizacion – Dezembro de 2000.

Embora as normas acima citadas tragam conteúdos distribuídos de formas diferentes, todas trazem preocupações semelhantes como: identificar os objetivos do resumo documentário, definir uma estruturação (geralmente em categorias informacionais) e estilo de redação do resumo, promover o conhecimento de tipologias de resumos, formas de apresentação e extensão.

De modo geral os resumos documentários objetivam determinar a pertinência do material para o usuário evitando a leitura completa do texto não útil; podem ser encontrados principalmente em periódicos científicos, teses, dissertações e patentes. Além do resumo indicativo e informativo revelados pela norma brasileira a norma norte-americana cita resumos estruturados, inclinados, críticos e sinopses (NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION, 1997).

A norma espanhola (PNE 50-103 – ISO 214-1976 (E), 1990) prescreve que o resumo informativo, mais detalhado do que o indicativo, deve trazer em sua estrutura: objetivo, metodologia, resultados e conclusões, além de especificar que o mesmo deve ser autossuficiente, conter informação básica e conservar o estilo do texto, ser conciso e respeitar o conteúdo sem ser obscuro e não citar informações periféricas se não absolutamente necessárias.

Já a norma cubana (PNE 50-121 – ISO 5963-1985, 1991) chama atenção para as partes do texto mais importantes e que devem ser

examinadas com cuidado para adequada elaboração do resumo, são elas: título, resumo (se tiver), sumário ou tabela de conteúdo, introdução, parágrafos iniciais dos capítulos e conclusões, ilustrações, tabelas, diagramas e palavras em destaque.

Segundo a norma brasileira (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2003) a apresentação dos resumos deve seguir algumas regras, como:

- A primeira frase deve ser significativa, explicando o tema principal do documento. A seguir, deve-se indicar a informação sobre a categoria do tratamento (memória, estudo de caso, análise da situação, etc.).
- Deve-se usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular.
- As palavras-chave devem figurar logo abaixo do resumo, antecedidas da expressão *Palavras-chave:*, separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto.
- Deve-se evitar em resumos: símbolos e contrações que não sejam de uso corrente e, fórmulas, equações, diagramas, etc. que não sejam absolutamente necessários.
 - Já quanto a extensão, os resumos devem ter:
 - De 150 a 500 palavras – trabalhos acadêmicos e relatórios técnico-científicos;
 - De 100 a 250 palavras – artigos de periódicos;
 - De 50 a 100 palavras – indicações breves.

Os resumos críticos, por suas características especiais, não estão sujeitos a limite de palavras.

À título de ilustração prossegue-se à apresentação de alguns tipos de resumos (mais trabalhados na disciplina) retirados da internet a partir dos quais algumas atividades são realizadas em sala de aula.

Figura 1 – Exemplo de resumo indicativo

Estudos Avançados
versão impressa ISSN 0103-4014
 versão On-line ISSN 1806-9592

Resumo

LACERDA, Antonio Corrêa de. Dinâmica e evolução da crise: discutindo alternativas. *Estud. av.* [online]. 2017, vol.31, n.89, pp.37-49. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890005>.

O artigo discute as principais causas da crise brasileira no período 2015-2016. Aspectos como a crise internacional e as medidas adotadas pelo governo brasileiro em contraponto aos seus efeitos e como as políticas macroeconômicas, notadamente as monetária e cambial, afetaram o desempenho dos macrossetores e seus impactos na balança comercial, emprego e renda, dentre outros fatores. A partir dessa análise o artigo visa avaliar os impactos das escolhas de políticas macroeconômicas adotadas e sua contribuição para a situação atual e perspectivas.

Palavras-chave : Crise; Economia brasileira; Política econômica; Conjuntura econômica brasileira.

[resumo em Inglês](#) • [texto em Português](#) • [Português](#) ([pdf](#) [epdf](#))

Serviços Personalizados

Artigo ▾

- Português (pdf)
- Português (epdf)
- Artigo em XML
- Referências do artigo
- Como citar este artigo
- Tradução automática

Indicadores ▾

- Citado por SciELO
- Acessos
- Altmetric: 0

Links relacionados ▾

Compartilhar ▾

-
-

Fonte: site SciELO (2017).

Figura 2 – Exemplo de resumo informativo

Pesquisa Agropecuária Brasileira
versão impressa ISSN 0100-204X versão On-line ISSN 1678-3921

Resumo

SHARIFI, Baouf Sayed; NAMVAS, Ali e SHARIFI, Reza Sayed. Enchimento de grãos e composição de ácidos graxos em plantas de cártamo adubadas com fertilizante nitrogenado e biofertilizantes. *Pesq. agropec. bras.* [online]. 2017, vol.52, n.4, pp.236-243. ISSN 0100-204X. <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-204x2017000400003>.

O objetivo deste trabalho foi avaliar os efeitos da aplicação integrada de fertilizante nitrogenado e biofertilizantes sobre o rendimento, o período de enchimento de grãos e a composição de ácidos graxos de cártamo (*Carthamus tinctorius*). Os experimentos foram conduzidos em parcelas subdivididas, durante as safras 2011 e 2012. Os tratamentos consistiram da inoculação de rizobactérias promotoras do crescimento de plantas (*Azotobacter chroococcum* estirpe S; *Azospirillum lipoferum* estirpe F e *Pseudomonas putida* estirpe 186) nas sementes, nas subparcelas, com um controle sem inoculação; e da aplicação de diferentes níveis de adubação nitrogenada (60, 120 e 180 kg ha⁻¹ de ureia) nas parcelas principais, com um controle sem aplicação de N. O maior rendimento de grãos, o maior período de enchimento de grãos e o período efetivo de enchimento de grãos foram obtidos com a aplicação de 180 kg ha⁻¹ de ureia e com a inoculação de *P. putida* nas sementes. A aplicação de altas doses de N e a inoculação com *P. putida* resultaram no aumento de 25,66% da taxa potencial de enchimento de grãos. A inoculação de biofertilizantes nas sementes reduziu o teor de ácidos graxos saturados (ácidos palmítico e esteárico) e incrementou os ácidos graxos insaturados (ácidos linoleico, linolênico e oleico). A aplicação da quantidade adequada de adubação nitrogenada (120 a 180 kg ha⁻¹ de ureia) pode melhorar o crescimento de plantas e a quantidade e a qualidade do óleo das sementes tratadas com *P. putida*, em plantas de cártamo.

Palavras-chave : *Carthamus tinctorius*; *Pseudomonas putida*; qualidade do óleo; PGPR; ácidos graxos; inoculação em sementes.

[resumo em Inglês](#) • [texto em Inglês](#) • [Inglês](#) ([pdf](#) [epdf](#))

Serviços Personalizados

Journal ▾

- SciELO Analytics
- Google Scholar H5M5 (2016)

Artigo ▾

- Inglês (pdf)
- Inglês (epdf)
- Artigo em XML
- Referências do artigo
- Como citar este artigo
- SciELO Analytics
- Tradução automática

Indicadores ▾

Links relacionados ▾

Compartilhar ▾

-
-

[Permalink](#)

Fonte: site SciELO (2017).

Figura 3 – Exemplo de resumo estruturado

Acta Ortopédica Brasileira
versão impressa ISSN 1413-7852
 versão On-line ISSN 1809-4406

Resumo

ALMEIDA, TIAGO FERREIRA DE et al. ESTUDO MORFOLÓGICO TOMOGRÁFICO DO CRÂNIO E SUA CORRELAÇÃO COM O EMPREGO DO HALO CRANIANO EM ADULTOS. *Acta ortop. bras.* [online]. 2017, vol.25, n.1, pp.11-14. ISSN 1413-7852. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-785220172501168033>.

Objetivo:
 Avaliar, através de estudo tomográfico, a espessura da tábua craniana nos pontos de inserção dos pinos do halo craniano em adultos.

Métodos:
 Trata-se de estudo retrospectivo de corte transversal de análise de exames de tomografia computadorizada de crânios de pacientes adultos. Foram incluídos adultos entre 20 e 50 anos sem anormalidades cranianas. Excluiu-se qualquer anormalidade craniana.

Resultados:
 Analisamos 50 tomografias de 27 homens e 23 mulheres nos pontos originais de inserção e em pontos alternativos, 1 e 2 cm acima, nos ossos frontal e parietal. Os valores médios encontrados foram de 7,4333 mm no osso frontal e 6,0290 mm no osso parietal.

Conclusão:
 Não constatamos diferença estatisticamente significativa entre os pontos clássicos e os alternativos, abrindo espaço para fixações alternativas e introdução mais segura dos pinos, em caso de necessidade. Nível de Evidência II, Estudo Retrospectivo.

Palavras-chave : Coluna vertebral; Tração; Crânio.

[• resumo em Inglês](#)
 [• texto em Inglês](#)
 [• Inglês \(pdf epdf \)](#)

Serviços Personalizados

Artigo ▾

- Inglês (pdf)
- Inglês (epdf)
- Artigo em XML
- Referências do artigo
- Como citar este artigo
- Tradução automática

Indicadores ▾

- Citado por SciELO
- Acessos
- Altmetric: 0

Links relacionados ▾

Compartilhar ▾

- Mais

Mais

Permalink

Fonte: *site* SciELO (2017).

Considerações Finais

Espera-se que após o estudo do conteúdo desta disciplina o aluno seja capaz de compreender os conceitos básicos que envolvem a análise documentária, principalmente no que tange a produção de informações documentárias, notadamente na elaboração do resumo documentário. A redação de resumos documentários deve ser exercitada levando-se em consideração questões teóricas e práticas (normas e recomendações) apresentadas durante as aulas a ponto do aluno saber reconhecer suas diversas tipologias e ainda ter a capacidade de elaborá-los.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 6028 – Informação e documentação – Resumo - Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, nov. 2003.

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, R. (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 2. ed. p. 231 - 253.

BROOKES, B. C. The foundation of Information Science. **Journal of Information Science**, v. 2, 1980/1981.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 159 p.

CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em documentação. In: SMIT, J. W. (coord.) **Análise documentária: a análise da síntese**. 2. ed. Brasília, DF: IBICT, 1987.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2005.

CORTINA, A. **O príncipe de Maquiavel e seus leitores: Uma investigação sobre o processo de leitura**. São Paulo, Editora UNESP, 2000. [(p. 19-76 – Determinações sobre o processo de leitura)].

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A.; SANTOS, S. A leitura em análise documentária. **Transinformação**, vol. 10, n. 3, p. 13 – 31, set./dez. 1998.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **Datagramazero**, vol.5, n.4, ago. 2004.

GUIMARÃES, E. **Articulação do texto**. São Paulo: Ática, 1990. [(O texto e suas modalidades, p. 14 - 78)].

GUINCHAT, C.; MENO, M. O resumo. In: GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília: IBICT, 1994. p.189-195.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária e representação da informação. **INFORMARE–Cad.Prog.Pós-Grad.Ci.Inf.**, RiodeJaneiro, vol. 2, n.2, p.5–27, jul./dez. 1996.

KOBASHI, N.Y. Linguística textual e elaboração de informações documentárias: algumas reflexões. In: GASPAR, N. R.; ROMÃO, L. M. S. (Orgs.). **Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EduFscar, 2008. V.1, p. 47-66.

LANCASTER, F.W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. [(Capítulo 7 – Resumos: tipos e funções, p.100-112; Capítulo 8 – A redação dos resumos: p.113-134 ; Capítulo 9 – Aspectos da avaliação: p.135-157)].

LARA, M. L. G. de. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, vol. 7, n. 2, p. 127 – 139, jul./dez. 2002.

MOLINA, M. P. Hacia um modelo de representación documental: la técnica de resumir. **Investigacion Bibliotecológica**, n.10, p.17-28, 1991.

NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION. **Guidelines for abstracts**. Bethesda, MD: NISO, 1997.

PNE 50-103 – ISO 214-1976 (E). Documentación. Preparación de resúmenes. **Revista Espanola de Documentacion Cientifica**, vol.13, n.3-4, p.901-912, 1990.

PNE 50-121 – ISO 5963-1985. Documentación. Metodos para ele analisis de documentos, determinacion de su contenido y seleccion de los términos de indizacion. **Revista Espanola de Documentacion Científica**, vol.14, n.1, p.57-63, 1991. (Norma Cubana atualizada, 2000).

SAGER, J. C. La terminologia, puente entre vários mundos. In: CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoria, metodologia, aplicaciones. Barcelona: Antártida; Empúria, 1993. P. 11 – 17. (Prólogo).